

Economia de solidariedade e direitos humanos "potencial de crescimento do ESS"

Por Carlos Askunze de Reas Euskadi na publicação na [Economia solidária e direitos humanos](#)

É um facto verificável – especialmente nos últimos anos, dadas as consequências da crise multidimensional do sistema capitalista – que a Economia Social e Solidária (ESS) tem vindo a ganhar notoriedade pública. A **proliferação** de iniciativas alternativas, o **crescimento** de redes de economia solidária e o seu **reconhecimento** como um movimento social, a sua **intervenção** cada vez mais significativa em **setores estratégicos** e historicamente não tocados por estas práticas (finanças, energia, comunicação...), o **aumento do interesse de académicos** e de Universidades, bem como da generalidade das organizações sociais e políticas por estas questões demonstra a relevância da ESS.

O que se pode explicar com o crescimento da indignação que o capitalismo está gerando em amplas camadas da população e pela auto-organização das pessoas que, diária e coletivamente, propuseram alternativas. Mas não devemos esquecer outros fatores que influenciaram esta realidade, como o crescimento, enquanto movimento sócio-político e económico, destas experiências na América Latina; a sua institucionalização e regulamentação legislativa em diversos países, procurando assim promover alternativas ao neoliberalismo; o crescente reconhecimento social e institucional desta realidade emergente em diferentes países europeus e a sua inclusão nas agendas políticas de mobilização *alteromundialista* e do Fórum Social Mundial e, em especial, o trabalho que tem vindo a ser feito há mais de duas décadas pelas REAS-Red, Redes de Solidariedade e de Economia Alternativa.

Para assegurar estes propósitos devemos aproveitar aquilo a que politicamente muitas vezes se chama de "**janela de oportunidade**" para promover propostas novas, inovadoras e alternativas na esfera económica. A ESS tem ganho visibilidade e impacto e é enorme o potencial que encerra as suas propostas – a ESS continua a ser uma visão e uma prática ainda insuficientemente generalizada.

Cabe por tanto identificar os desafios capazes de libertar todo o potencial de crescimento da ESS que, resumidamente, poderíamos agrupar em dois âmbitos prioritários: **fortalecimento do movimento** da ESS como sujeito político-económico e **crescimento da participação cidadã** comprometida com novas formas de fazer e praticar economia.

Em primeiro lugar é necessário fortalecer o movimento social da ESS enquanto sujeito capaz de formular e desenvolver propostas políticas, e como sector económico em crescimento e com impacto. Enfrentar esta dupla dimensão implica, no mínimo:

- **Criar discurso e conhecimento** ao serviço das práticas alternativas da ESS, tecendo alianças com áreas dedicadas à pesquisa e às economias críticas, tais como as feministas e as correntes ecológicas;
- **Fortalecer a rede** a todos os níveis (local, nacional, estatal e internacional) dando prioridade à construção de referentes políticos;
- **Desenvolver propostas de políticas públicas** transformadoras da economia, em diálogo com outros agentes e movimentos económicos, sociais e políticos;
- **Promover a intercooperação** como ferramenta eficiente do crescimento e sustentabilidade das iniciativas, muitas vezes vulneráveis, em especial, ligando-as nas diferentes áreas do ciclo económico (finanças, produção, comércio e consumo);
- **Espaços impulsionadores** da promoção e do empreendedorismo coletivo na ESS, fomentando a criação ou a conversão de iniciativas económicas.

O potencial de crescimento da ESS encontra-se também na capacidade do movimento em juntar um número cada vez maior de cidadãos apoiantes da criação de espaços económicos alternativos, com os seus recursos, a sua militância ou seu trabalho, ativa e conscientemente. Neste aspecto colocam-se quatro desafios importantes:

- **Dedicar mais recursos a iniciativas educacionais, de consciência cidadã e de comunicação**, incorporando assim novos setores da população nas iniciativas de ESS;
- **Impulsionar a mobilização cidadã** através de propostas do consumo consciente, crítico e transformador, em espaços cooperativos (finança ética, energia alternativa, comunicação, etc.);
- **Construir redes de mercado social da ESS** onde comunidades de organizações com capacidade autogestionária geram produção e consumo de cada vez mais serviços e produtos não ligados ao mercado capitalista;
- **Desenvolvimento de formas associativas alternativas** nas relações comerciais (moedas sociais, bancos, câmbio, etc.).

Enfrentar estes desafios e responder a eles com inteligência coletiva e trabalho cooperativo é a principal tarefa do movimento da ESS se queremos aproveitar as oportunidades por ele abertas para impulsionar o seu crescimento e impacto político e económico. Não podemos esquecer que assim podemos contribuir significativamente para a construção de uma economia mais justa e solidária, centrada na sustentabilidade de uma vida digna e feliz para todas as pessoas.

Fonte: economyderechos.observatoridesc.org